

UM EDUCADOR ITINERANTE: O CASO ROCHA POMBO

Alexandra Lima da Silva*

RESUMO

Analisar os significados do viajar na trajetória do professor paranaense Rocha Pombo é o objetivo deste trabalho. Defende-se que ao longo da trajetória do educador, o deslocamento por diferentes espaços foi fundamental para a sua legitimação no campo intelectual. Com base análise das fontes, conclui-se que contatos estabelecidos com diferentes sujeitos, em diferentes estados e instituições, foram cruciais para a adoção e circulação dos livros didáticos do intelectual em âmbito nacional. Se para muitos, viajar para o exterior possibilitava o acesso às fontes e a arquivos tidos como essenciais para a escrita da História do Brasil, o deslocamento do intelectual paranaense o projetou em âmbito nacional, possibilitando a ampliação da própria noção de Brasil construída pelo educador.

Palavras-chave: Viagem. Rocha Pombo. Educador.

ABSTRACT

A TRAVELER EDUCATOR: THE CASE OF ROCHA POMBO

Analyzing the meanings of traveling in the trajectory of the educator Rocha Pombo is the goal of the present work. It is argued that throughout the trajectory of the educator, the movement in different spaces was critical to his legitimacy in the intellectual field. According to the analysis of the sources, it appears that contacts established with different subjects, in different states and institutions, were crucial for the adoption and circulation of his books nationwide. If, for many, traveling abroad enabled access to sources and files considered essential for writing the history of Brazil, the movement of Rocha Pombo was an important way for his propagation nationwide, and it enabled the expansion of the his own definition of Brazil.

Keywords: Travel. Rocha Pombo. Educator.

Introdução

Eu não sabia que o Brasil era tudo isso! Desde o dia em que saltei no primeiro porto, fui sentindo surpresas, que se faziam crescentes, até cair em maravilha lá pelo extremo norte até Manaus. (POMBO, 1918, p. 8).

Com essas palavras, Rocha Pombo afirmava ter redescoberto o próprio país, ampliando seu olhar e perspectivas acerca de si e do outro a partir de uma jornada na qual visitou onze estados do norte do Brasil, no ano de 1917. Assim, quais os impactos de uma viagem na trajetória de um intelectual? Compreender os significados da travessia de quase

* Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed-UERJ). Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Endereço para correspondência: Rua Cinquenta e Cinco, nº 540, Boa Esperança, Cuiabá- MT. CEP: 78068-720. E-mail: alexandralima1075@gmail.com.

cinco meses pelo Brasil afora na experiência do professor de História Rocha Pombo é o horizonte deste artigo, no qual defendo que o trânsito por diferentes estados e instituições foi fundamental para a afirmação deste autor no campo da escrita da história.

Este artigo busca contribuir no âmbito dos estudos em história da educação por acreditar que a viagem realizada pelo intelectual Rocha Pombo permite que se compreendam os interesses em desbravar e conhecer o próprio país. Nesse sentido, intelectuais preocupados com educação no período analisado não apenas olhavam para o exterior à procura de modelos a serem adotados em território nacional. Sujeitos como Rocha Pombo buscavam adentrar pelos ditos “confins” do país com o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre as gentes e as histórias, atravessar fronteiras, fortalecer laços, ampliar redes e alianças, demarcando espaços. Tal experiência permitiu que se visualizassem diferentes realidades educativas no país, além de fazer circular as ideias e ideais do autor, por meio de seus livros, de norte a sul, num projeto que visava transformar o Brasil em um país letrado e conhecedor de sua história.

Meu olhar se direcionou para esse objeto quando me deparei com um pequeno livro, em capa dura, intitulado *Notas de viagem. Norte do Brasil* (POMBO, 1918), consistindo num relato, uma descrição carregada de emoção e personalidade, destoando um pouco do tom das outras obras por mim mapeadas até então, com o objetivo de compreender a emergência e os usos dos livros escolares de história, frente às discussões sobre projetos de nação e de educação para o povo. A localização desse impresso dedicado a uma viagem representou um norte em minhas investigações, uma vez que a partir dele pude localizar outras fontes e indícios que permitiram uma ampliação de meu olhar em relação a esse sujeito em especial, problematizando os significados do viajar pelo interior do próprio país. Por que, afinal, Rocha Pombo viajou para o norte? O que buscava? Por que escreveu esse livro? Haveria relação entre a escrita de viagem com a escrita de seus livros de História?

Em forma de livro, publicado por Benjamin de Águila em 1918, as impressões advindas da viagem realizada pelo paranaense Rocha Pombo a onze

estados do Brasil nos idos de 1917 permitem que sejam vislumbradas muitas questões. Quem foi o viajante? Quais os sentidos e motivações? Qual o lugar da instrução nas páginas do impresso?

Em escritura não linear, com idas e vindas, repleta de escolhas, recortes, em muito sentido similar aos próprios do movimento de escrita da história, uma vez que como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidades, pois “selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou” (ALBERTI, 2003, p. 14). Todavia, o autor tenta enfatizar no prefácio que não houve esse trabalho de polidura que vislumbramos na análise de sua escrita de viagem. É possível aferir certa preocupação com o olhar do outro sobre si, posto que a seleção e o uso de recortes de jornais e outros documentos pelo autor, para além do auxílio à memória na escrita, pode também fazer parte da intenção do autor que sua imagem construída mostre ao público sua aceitação e notoriedade na viagem empreendida.

Durante quase cinco meses pelo Brasil afora, atravessando rios e matas, descobrindo gentes, histórias, paisagens, Rocha Pombo percorreu um total de onze estados. Convém ressaltar que as construções que se tem hoje para as regiões Norte e Nordeste diferem das concepções do período mencionado. De acordo com o compêndio *Corografia do Brasil*, Veiga Cabral, editado inicialmente em 1916, pela Livraria Francisco Alves, “são considerados estados do norte, os seguintes: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Espírito Santo” (CABRAL, 1957, p. 180). Assim, até o estado do Espírito Santo, primeiro porto na viagem de Rocha Pombo, era considerado, no período, “norte” do Brasil, daí o título das notas de viagem. Na perspectiva de Manuel Correia de Andrade, “durante o Império e a Primeira República, os estados hoje nordestinos eram chamados de ‘do Norte’, admitindo-se que o país poderia ser dividido em duas porções: o Norte e o Sul, a primeira se contrapondo à segunda” (ANDRADE, 1993, p. 5). Deste modo:

[...] no início da década de vinte, os termos Norte e Nordeste ainda são usados como sinônimos. Como a própria ideia de Nordeste não havia ainda se ins-

titucionalizado, esse se constitui no seu raciocínio, um momento de transição. O termo Nordeste é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919[...] (LOPES, 2009, p. 53).

O relato dessa jornada mostra-se impregnado por surpresas e percalços, valorizando ainda mais os feitos de seu “heroísmo,” uma vez que alegara ter que enfrentar muitos medos e dificuldades, e mesmo— sacrifícios, esboçando em várias passagens do seu relato—a presença do temor em relação a naufrágios e desastres similares.

Ao adentrar pelo país, pôde conhecer gentes, paisagens e histórias de um Brasil “interior” tão próximo e exótico ao mesmo tempo, remetendo, em muita medida, à dimensão proposta por Antonio Viñao, em relação à viagem, em que “todos los viajes educan, aunque solo sea por abrir al viajero a una realidad diferente a la suya. Sólo que unos educan más que otros, o de forma diferente a otros” (VIÑAO FRAGO, 2007, p. 15). A dimensão da aprendizagem pode ser pensada enquanto um dos sentidos da viagem, mesmo quando esta não aparece como a motivação principal.

Nascido em 1857, na cidade de Morretes, interior do estado do Paraná, José Francisco da Rocha Pombo, ainda muito jovem, ingressou no magistério das primeiras letras. O exercício da escrita se deu em periódicos, publicando artigos relacionados à instrução. Mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital da República, em 1897, onde passou a frequentar os círculos intelectuais da cidade, em esforços diversos para sobreviver e se estabelecer no campo intelectual. Foi poeta, contista, dicionarista, historiador, deputado, professor de História do *Pedagogium*, da Escola Normal, do Colégio Batista, membro do Instituto Histórico e Geográfico. Faleceu aos 75 anos, quando acabara de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, sem tomar posse (SILVA, 2012).

Desse encontro, passei a enxergar a experiência de Rocha Pombo num diferente ângulo, que além de professor, historiador, escritor, poeta, jornalista, político, poderia também ser concebido em sua dimensão de viajante, desdobrando-se, por sua vez, em um dos objetivos deste estudo, que é problematizar a possibilidade de compreender a prática da viagem como um momento excepcional

na trajetória desse sujeito. Desse modo, a viagem se constitui um interessante objeto de pesquisa para a história da educação.

Frequentei arquivos, bibliotecas e instituições de pesquisa situadas no estado do Rio de Janeiro e em outros estados, a fim de localizar mais elementos para compreender melhor esse sujeito. Percorrendo as diferentes instituições pelas quais Rocha Pombo transitou, foi possível localizar um *corpus* documental rico e diverso, abrangendo manuscritos, tais como cartas, cartões, atas de seleções, dentre outros. No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e nos institutos históricos dos estados do norte, foram localizadas atas das sessões e solenidades ocorridas durante o período da viagem. Apesar de não ter chegado a assumir a cadeira para qual foi eleito na Academia Brasileira de Letras, esta instituição dispõe de um arquivo intitulado *Rocha Pombo*, que dispõe de documentos manuscritos e impressos, sobretudo recortes de jornal a respeito de sua morte, nos quais se enaltecem os feitos dos 75 anos vividos. A Fundação Casa de Rui Barbosa dispõe de um conjunto de cartas que ajudam a entender, dentre outras questões, os apoios e a tentativa de inserção nos círculos de prestígio do Rio de Janeiro. Outro *corpus* documental presente na Biblioteca Nacional são os periódicos, em que foram mapeados jornais dos estados visitados na travessia de 1917, nos quais é possível analisar a repercussão da presença da viagem de Rocha Pombo. Minhas viagens de pesquisa permitiram uma maior aproximação das questões trazidas pela experiência de Rocha Pombo. O exercício de colocar-me no lugar do objeto, e tentar ver o que foi visto por ele, auxiliou a escrita deste trabalho, bem como a compreensão das angústias e alegrias sentidas por um viajante.

Outro movimento fundamental para a delimitação do objeto foi o diálogo com os diferentes trabalhos acadêmicos produzidos sobre Rocha Pombo, nos quais verifiquei diferentes discursos e perspectivas de análises, conforme salienta Bega (2001, p. 157):

Rocha Pombo é uma personagem da história paranaense e brasileira que pode ser abordada em diversas facetas: jornalista, político, historiador oficial da República Velha, deputado provincial pelo Partido Conservador e mais tarde deputado federal pelo

Paraná, filólogo e professor. Foi um romancista com extensa produção e com uma das poucas obras de prosa de ficção simbolista – *No Hospício* – publicada em 1905, bem como com incursões no ideário socialista e reformador social.

Tal produção acadêmica tem se dado em diferentes áreas do conhecimento (Literatura, Ciências Sociais, História, Letras, Educação) e abordagens. A justificativa para isso pode ser o caráter complexo, multifacetado e pantanoso da experiência histórica desse sujeito. Existem estudos que enfatizam a sua participação na criação da Universidade Popular de Ensino Livre, no que teriam participado outros intelectuais, dentre os quais Manuel Bonfim, Pedro Couto, Sílvio Romero (LOPES, 2006). Destacam-se, ainda, trabalhos que apontam o envolvimento do intelectual na criação da Universidade do Paraná, em finais do século XIX.

Estudos na área de Literatura têm analisado a presença da estética simbolista na produção literária do paranaense, sobretudo na obra *No hospício* (SILVEIRA, 2005, ZEFERINO, 2006; SANTOS, 2005). Já os estudos em História, demonstram preocupação em compreender as dimensões da escrita da História em Rocha Pombo (SILVA, 1997; LUCCHESI, 2004). Por sua vez, Santos, (2009) discutiu os embates e tensões da produção historiográfica no Brasil da Primeira República, a partir do trabalho do intelectual paranaense. A análise das diferenças presentes na escrita de Rocha Pombo em dois momentos da sua produção permite identificar alguns dos elementos fundamentais do debate em torno do fazer historiográfico, suas práticas reguladoras, estratégias narrativas e critérios de legitimação ou de cientificidade. Esse autor destaca ainda que prevalece certo esquecimento sobre a experiência de Rocha Pombo, pois:

Curiosamente, seu nome não é lembrado pelos pesquisadores da História da disciplina no Brasil sequer para receber uma crítica negativa ao seu trabalho. Ou quando aparece em pouquíssimos comentadores ou estudiosos do Pensamento Brasileiro, é através de formulações lacônicas, não fundamentadas e geralmente depreciativas. (SANTOS, I, 2009, p.16).

A revisão de literatura e o mapeamento dos trabalhos escritos por Rocha Pombo reforçaram ainda mais a necessidade de atentar para outros

aspectos importantes na trajetória deste sujeito. Por sua vez, tais estudos não contemplaram a viagem como importante momento na trajetória do intelectual paranaense. Defendo neste artigo que a viagem possibilitou mudanças nas escritas de história do autor, que revisou seu olhar acerca do Brasil: “porque tive, para compensar-me de tudo, a fortuna de voltar de lá trazendo uma noção nova, e seguramente mais exata e legítima, do que é esta grande pátria. Eu não sabia que o Brasil era tudo isto”! (POMBO, 1918, p. 8). No auge de seus 60 anos, a travessia pode ter representado a realização pessoal de toda uma vida, tendo em vista que desde muito nutria o desejo de visitar o norte, lamentando não ter sido isso possível antes de escrever a sua *História do Brasil*:

Desde muito nutria eu o desejo de visitar o norte. Lamento que me não fosse isso possível antes de escrever a minha *História do Brasil*. Tendo de resignar-me as circunstâncias que disso me privaram, só depois de concluído esse trabalho é que se proporcionou ensejo de realizar a minha velha aspiração. (POMBO, 1918, p. 8).

A análise da viagem, por sua vez, permite mapear a comunhão dos vários interesses desse sujeito ao longo de sua trajetória. Rocha Pombo embarcara para conhecer as gentes, paisagens e histórias de um Brasil “interior” tão familiar e exótico ao mesmo tempo. Tal travessia permite ainda muitas indagações. Uma delas é se ele, a exemplo de outros viajantes, embarcava para explorar e descobrir modos de vida, culturas e paisagens, num sentido expedicionário? Ou viajava por simples e puro deleite? Ou ainda, como muitos educadores, viajava para o aperfeiçoamento e formação, ou mesmo, observação, comparação e apropriação de modelos de ensino? Acredito, são da trajetória de Rocha Pombo.

Itinerários e errâncias de um educador

Rocha Pombo viveu no estado do Paraná até o ano de 1897, sempre se deslocando de uma cidade para outra a fim de garantir a sobrevivência e a realização de projetos. Dedicou-se ao magistério de primeiras letras e ao jornalismo, tendo sido proprietário do Jornal *O povo*, de Morretes, Província

do Paraná (1880), no qual não obteve muitos êxitos; editor do *Echo dos Campos*: semanário consagrado aos interesses gerais da província (1883); redator do *Diário Paranaense* (1887) e colaborador de *O Cenáculo* (1890). Publicou alguns livros de contos, poesias e ensaios, dentre os quais destaco *A honra do barão*; *Petruccello*; *A supremacia do ideal* (Estudo sobre Educação); *Dadá*; *A religião do belo*; *Visões*; *A Guairá*; *Marieta*. Até 1896, suas obras transitavam no romance, poesia, contos. Além dos usos da palavra escrita e do impresso, ocupou o cargo político de deputado pelo Paraná, e em 1892, idealizou o projeto de criação de uma universidade para o seu estado natal, onde:

Conseguiu ele o terreno no antigo largo e hoje Praça do Ouvidor Pardiniho. Lançou a pedra fundamental do edifício. Fez ali construir depósito e reuniu material. Organizou estatutos, regulamentos, programas. Tomou para as primeiras despesas, empréstimo de oito contos de réis [...]. Sua ideia, no entanto, era demais para o ambiente, e incômoda para a má política. Essa fatalidade condenaria o idealista e sonhador a tombar sobre os seus materiais, os seus estatutos e programas, e as suas dívidas. (PILOTO, 1977, p. 5).

Para muitos de seus estudiosos, Rocha Pombo teria sucumbido em sua experiência de proprietário de prelos e jornais, sem êxito na vida política, contraindo, inclusive, muitas dívidas no projeto derrotado da criação da Universidade do Paraná. De acordo com Névio de Campos, Rocha Pombo utilizava a militância política em prol das causas republicana e abolicionista, e os desafetos advindos desta atuação:

tiveram impacto para a não efetivação de seu projeto universitário, ou seja, o fato desse intelectual estabelecer sua trajetória política no Partido Conservador foi determinante para a inexpressiva contribuição do estado ao projeto universitário, em 1892, momento em que os seus adversários políticos controlavam a esfera estatal paranaense. (CAMPOS, 2006, p. 24).

Até finais do século XIX, Rocha Pombo era pouco conhecido nos meios intelectuais consagrados, estando fora do circuito da capital federal. Tal marginalidade era tamanha, que o dicionarista de perfis biográficos, Sacramento Blake, escreveu a seu respeito: “José Francisco da Rocha Pombo nasceu em Morretes, atual estado do Paraná, a quatro

de dezembro de 1857. Nada mais sei a seu respeito, senão que escreveu...” (BLAKE, 1899, p. 120), destacando, neste ponto, as obras: *Ao povo*; *A religião do Belo*; *A supremacia do Ideal*; e o requerimento e memorial para a criação da universidade do Paraná. Na tentativa ampliar seu círculo de contatos e prestígio social, mudou-se no ano de 1897 para o Rio de Janeiro, a capital federal, junto da esposa, Dona Carmelita Azambuja da Rocha Pombo e dos três filhos (Victor da Rocha Pombo, Julia da Rocha Pombo Bond e Regina da Rocha Pombo). A partir de então, seu campo de produção passa a centrar-se na escrita de obras de cunho historiográfico e na imprensa, e também, no magistério, uma vez que não poderia sustentar-se somente da pena, aspiração de muitos dos intelectuais do período.

Aos 40 anos, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, e nas palavras de Nestor Vitor, conterrâneo e amigo pessoal de Rocha Pombo, essa era uma idade em que muitos já estariam pensando em arranjar a aposentadoria.

Nessa nova investida na trajetória de Rocha Pombo, as alianças e o pertencimento a instituições respeitadas, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no ano de 1900, foram de grande peso. O intelectual paranaense atuou como parecerista e avaliador de obras diversas no IHGB. Na referida atividade, contou com a companhia de nomes como Max Fleiuss, Afonso Celso, Sílvio Romero, o que pode ter contribuído não somente para alargar a rede de sociabilidade do intelectual paranaense, como também o qualificou como autoridade para avaliar outros autores em obras de caráter histórico e geográfico, principalmente.

Foi também no ano de 1900 que publicou três importantes obras: *O Paraná no Centenário. 1500-1900* (POMBO, 1900a), *O Grande Problema. Plano de um Novo Instituto de Educação* (POMBO, 1900c) e *Compêndio de História da América* (POMBO, 1900b), que teve a primeira edição publicada pela Livraria Laemmert, fruto do prêmio obtido em concurso promovido pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro. Além de emitir parecer favorável, Manuel Bonfim prefaciou a referida obra, evidenciando, assim, certa relação e apreço com o autor contemplado com o prêmio. No parecer, Manuel Bonfim deixa transparecer simpatia pelo estilo e virtudes de Rocha Pombo,

descrito como um autor “franco e sincero”, com uma exposição repleta de sentimentos, “um espírito apaixonado [...] devorado pelo amor da justiça, abrasado pelos grandes ideais de solidariedade e de progresso, e é sobre isto que se assenta a orientação filosófica do seu trabalho” (BONFIM, 1900, p. 7). Na perspectiva de Ivan Norberto dos Santos, mais do que admiração, Manuel Bonfim se identificava com as causas de Rocha Pombo em relação à América Latina, uma vez que:

Manoel Bonfim constituiria uma exceção nessa defesa do apaixonado Rocha Pombo, talvez por uma afinidade intelectual específica, de concordância com algumas das concepções defendidas pelo paranaense, ou também, talvez, para advogar indiretamente em causa de suas próprias ideias [...] (SANTOS, 2009, p. 77).

Além do que, Rocha Pombo e Manuel Bonfim participaram, em 1904, da criação da Universidade Popular do Ensino Livre, “[...] ligada ao Partido Operário Independente, ao lado de intelectuais como Evaristo de Moraes, Fabio Luz, Felisbello Freire, José Veríssimo, Pedro do Couto [...]” (BO-TELHO, 2002, p. 67).

De acordo com Ivan Norberto dos Santos:

Os testemunhos das regiões periféricas nada teriam a contribuir, para a intelectualidade da Capital, para a constituição da imagem geral da cultura e do valor, ou seja, da identidade histórica da nação brasileira. Rocha Pombo esboça um esforço no sentido oposto, tendo como foco o estado do Paraná, em *O Paraná no Centenário*, mas abandona tal possibilidade na História do Brasil, ilustrada. E lamenta-se depois por havê-lo feito, escrevendo as suas *Notas de viagem* para ao menos oferecer o seu próprio testemunho acerca da riqueza da diversidade que veio a reencontrar. (SANTOS, 2009, p. 128).

Neste trabalho busco outras leituras e significados para a dita viagem na trajetória de Rocha Pombo, para além da ideia do testemunho evidenciada acima. De qualquer forma, concordamos com a preocupação em Rocha Pombo, de dar visibilidade às periferias nas escritas de história operadas por ele.

Andanças, pesquisas, aprendizagens...

A partir de vestígios e pegadas, por meio de seus textos, busco pensar as contradições, tensões

e coerências de Rocha Pombo. Na dimensão de viajante, o educador demonstrava especial interesse pelos aspectos referentes à instrução e educação, em suas andanças pelo Brasil afora, e, assim como ele, muitos outros sujeitos realizaram incursões que podem, sim, ser concebidas como educativas e pedagógicas, considerando o próprio viajar enquanto um movimento de possível ampliação e conquista de novos conhecimentos sobre o outro e sobre si mesmo.

A dimensão da aprendizagem, que nas palavras de Michel Serres, consiste numa tal mestiçagem, através do encontro com o outro, com a alteridade, é essencial para o entendimento da condição do viajante em suas angústias e inquietações (SERRES, 1997, p. 60). Por meio dos contatos estabelecidos, novos saberes e novos espaços são desvendados, num constante movimento de busca pelo conhecimento em que, conforme salienta Serres, as várias diferenças conhecidas e assimiladas durante as viagens, trazem para casa, novos gestos e novos usos, além de muitas outras aprendizagens “para fazer brilhar a liberdade de invenção, ou seja, de pensamento”(SERRES, 1997, p. 60). Nas palavras de Margarida Felgueiras e Antón Costa Rico, “as viagens e os contatos que elas propiciam foram sempre um meio de enriquecimento cultural, pela troca de ideias, pelo confronto de culturas e suas formas de vida” (FELGUEIRAS; COSTA RICO, 2011, p. 7).

Por seu turno, uma das motivações da jornada ao norte do Brasil teria sido a pesquisa para a escrita da História do Brasil, edição comemorativa do centenário da independência. O que pesquisou? O que considerava fontes para a sua pesquisa? Como as obtinha? É possível pensar a prática da viagem enquanto uma metodologia de trabalho na escrita da história? No que se diferencia e/ou se aproxima da prática etnográfica dos antropólogos? Quais mudanças a viagem propiciou em seu fazer historiográfico?

Nota-se uma valorização, por parte de Rocha Pombo, da observação dos costumes e culturas locais, e da escuta atenta, sendo este contato considerado insubstituível por ele. Tal escuta do outro pode ser também pensada como uma forma de aprendizagem possibilitada pela pesquisa, para além dos arquivos, conforme tenta evidenciar o

pesquisador-viajante, no que pode, também, possibilitar um diálogo com outra disciplina, a Antropologia. Nesse sentido, o de valorização da escuta, da observação do outro e do registro, “a antropologia tem algo a contribuir para a disciplina história. E o inverso é igualmente válido” (SAHLINS, 2001, p. 19). Por sua vez, o olhar antropológico também é repleto de especificidades, no que, para Nigel Barley, o conceito de “coleccionar mariposas” é bastante coerente para a disciplina, uma vez que muitos etnólogos não saberiam exatamente, o que fazer com tantos dados “curiosos” sobre o outro. O autor cita o exemplo de Malinowski, “o inventor do trabalho de campo”, que concebia seus diários como um veículo puro e simplesmente humano, e “bastante defeituoso”. Assim, Barley, em seu livro *O antropólogo inocente*, propõe escrever um relato a partir das próprias experiências pessoais que vivenciou na viagem à África em busca dos “Dowayos” (BARLEY, 1989, p. 11).

Contundo, por meio do relato, é possível aferir o processo de aquisição de conhecimento sobre o funcionamento das instituições de guarda e pesquisa, como arquivos e bibliotecas, em busca das fontes escritas, tão valorizadas pelos historiadores do período. Na Bahia, por exemplo, acentua que após ter sido apresentado ao Dr. Alberto Rabello, que seria um “devotado cultor das nossas coisas históricas, recebeu deste um documento muito interessante”. Enfatiza ainda o instituto histórico, onde acessou a referida fonte enquanto um lugar da pesquisa histórica, uma vez que “no instituto não se conversa só: estuda-se muito, e cuida-se da nossa história como de coisa sagrada” (POMBO, 1918, p. 40).

Assim, os contatos estabelecidos aparecem como fundamentais nesse fazer, conforme apreendemos na visita ao Ceará, onde contou com a ajuda de Adolfo Salles, ao qual afirma “muito lhe devo a boa vontade e esforço com que me auxiliou nas minhas pesquisas” (POMBO, 1918, p. 110). A companhia de Palma Muniz também é apontada como crucial, pois este o levou até a biblioteca pública, apresentando o visitante ao diretor, que por sua vez mostrou-se “disposto a tudo facilitar-me ali”, reunindo e acondicionando para o pesquisador viajante “toda a farta messe de papéis, livros, mapas, etc, que foi possível coligir naquela capital, graças

à boa vontade do ilustre diretor e aos esforços do Dr. Muniz” (POMBO, 1918, p. 110).

Além dos muitos encontros agendados e programados, a viagem foi palco de alguns encontros inusitados, como na ocasião em que o viajante paranaense conheceu um negociante sírio no vapor *Acre*, em direção a Manaus, estabelecendo longa conversa, através da qual pôde aprender muito sobre a presença da imigração estrangeira no norte do Brasil:

[...] disse-me que ‘tudo aquilo’ (todos aqueles sertões) está já invadido por patrícios seus. É um fenômeno muito interessante, esse da imigração da Ásia Menor para o Brasil, e o da facilidade com que se adaptam e se assimilam aqui os sírios. E o que é certo é que a colônia em toda parte se torna simpática e estimada. O sírio foi logo amando o país, fazendo causa conosco, sentido nossas alegrias e as nossas dores. [...] Em todas as capitais do norte vimos sírios, e no Maranhão sentimos quanto a colônia se impôs às simpatias gerais oferecendo uma bandeira ao Tiro Rondon. (POMBO, 1918, p. 163).

No Amazonas, em visita às salas da Imprensa Oficial, teve contato com a famosa coleção numismática do Estado, destacando que “apesar de um tanto desfalcada (segundo nos informaram) é ainda a mais notável do Brasil, e talvez de toda a América. Já foi a quarta coleção do mundo” (POMBO, 1918, p. 176). Ainda no referido estado, destaca que graças às companhias dos amigos Alfredo da Matta e João Batista de Faria e Souza, realizou as visitas e trabalhos de pesquisa junto à Biblioteca e ao Arquivo Público, ao Arquivo da Municipalidade, onde:

Tudo se franqueou, começando-se logo a coligir, em todas essas repartições, os documentos que me eram necessários. Nessa faia fui poderosamente secundado pelo Dr. Faria e Souza, jornalista e alto funcionário da Secretaria de Fazenda, e que o Governo do Estado encarregara especialmente de auxiliar-me. O Dr. Benjamin de Souza, diretor da Imprensa pública, e o Dr. José Chevalier, do Arquivo, prestaram-me os melhores serviços. (POMBO, 1918, p. 166).

Nessa passagem, é possível vislumbrar o peso de ter apoio de uma autoridade local, como o governador do estado, que delegou alguém especialmente para receber e auxiliar as pesquisas do visitante. Em outro momento, o viajante pesquisador evidencia

a comoção e ajudas recebidas por um grande número de pessoas, dentre “intelectuais, estudantes, jornalistas, espíritos dados à história”, os quais lhes enviaram “livros, mapas, papéis, todo gênero de dados que se coligiram, que iam sendo remetidos para a Galeria Artística, estabelecimento de Mariano Lima, à Rua Municipal, onde meu incansável amigo fazia embalar tudo com meticoloso cuidado” (POMBO, 1918, p. 167).

O contato com outros pesquisadores também pode ser interpretado enquanto possibilidade de trocas, aprendizados e diálogo no que se refere aos aspectos da pesquisa e escrita da história e da história do Brasil, tão perseguidos pelo viajante, sendo bastante profícuos tais encontros. Neste sentido, retomo a visita feita ao coronel Bernardo Ramos, (Bernardo de Azevedo da Silva Ramos), que de acordo com Rocha Pombo teria nome fora do Amazonas, tendo inclusive, ido à Europa em comissão do Governo, além de ter viajado ao Egito, possuindo muitos trabalhos impressos que o recomendariam como consciencioso cientista. Pontua ainda que entre os trabalhos de Bernardo Ramos figura uma conferência sobre o Egito, feita no consistório da catedral de Manaus em 1912. Todavia, seus melhores e mais valiosos esforços se debruçariam em seus escritos sobre arqueologia e pré-história do Amazonas, tendo visitado:

[...] todas as paragens da imensa bacia onde lhe conste que há documentos a recolher. Acompanhado de um filho, que é fotógrafo, mete-se dias e dias e até meses pelo sertão, explorando e perquirindo, vendo e registrando tudo quanto lhe parece interessar às soluções que procura. Tive ensejo agora, ao visitá-lo pela segunda vez, de ouvir a leitura de grande parte do primeiro volume da obra em preparo, muito ilustrada de cópias de inscrições e monumentos. (POMBO, 1918, p. 204).

Além de evidenciar a prática da viagem como exercício de pesquisa na escrita historiográfica, Rocha Pombo enfatiza com vigor que o referido trabalho completaria a obra de Thoron, e “instruiria definitivamente, entre os nossos estudiosos, o problema das origens americanas”. Ademais, considera que “pelos subsídios que tem podido coligir, o operoso cientista amazonense virá aumentar a documentação que já possuímos para estudo de tão larga importância” (POMBO, 1918, p. 205). O

contato com tal experiência pode ser visto enquanto mais uma das leituras e interpretações incorporadas na escrita da história pelo andarilho intelectual paranaense.

O contato com intelectuais permitiu, em muitos casos, o acesso às bibliotecas, sendo mais uma fonte de aquisição de livros de autoria deles (sobretudo na forma de presentes) e consulta para sua escrita futura, conforme podemos apreender de seu encontro com Virgílio Barbosa, “advogado, é um espírito de larga cultura, moço ainda, forte, de maneiras expansivas, todo ele respira simpatia e saúde moral”. Por ser considerado “um devotado cultor da nossa história, possui valiosa biblioteca, não menos pela qualidade que pelo número [...]. Sei que tem livros publicados, mas como em regra são os intelectuais do Amazonas, foi irredutível em escusar-se de me obsequiar com algum trabalho” (POMBO, 1918, p. 207).

À medida que frequentava arquivos, bibliotecas, festas, salões e outros eventos sociais, tornava-se possível a ampliação das referências sobre a produção intelectual local, advertindo que mesmo com tais esforços, estaria muito longe de emitir uma ideia exata do meio, apenas fazendo referência àqueles com os quais teve a oportunidade de conhecer pessoalmente. Aproveita desse modo, para exemplificar os conhecimentos que detinha sobre alguns dos expoentes da intelectualidade do norte na figura de Alfredo da Matta, que além de médico e presidente da Assembleia Legislativa:

É membro da Academia Nacional de Medicina. Tem publicado perto de setenta trabalhos, entre livros, monografias, relatórios, etc, quase todos referentes a endemias ou a morbus esporádicos das regiões amazônicas. Tem ainda grande número de obras a publicar. Entre as publicações feitas, destacam-se: *Flora Médica Brasileira* (Plantas medicinais da Amazônia e especialmente do estado do Amazonas); *Ensaio de Geografia Botânica do Amazonas*; *Geografia e Topografia Médica de Manaus*; *A B C da profilaxia do Paludismo: Notas para a climatologia e geografia médica da cidade de Manaus*; e outros. (POMBO, 1918, p. 206).

Ocasões como jantares ofertados representariam também a oportunidade de aprofundar ainda mais o conhecimento sobre a produção e os perentamentos dos anfitriões, conforme apreendido

no caso Theodoro Braga, a respeito de quem, após jantar na *Rotisserie Suisse*, escreveu:

O Dr. Theodoro Braga é um dos tipos mais distintos da alta sociedade belemita. É bacharel e é pintor: e não sei dizer se nele o homem de ciência sobreleva o artista. É um grande sabedor das coisas do Pará. Tem pronta obra sobre a história e geografia do estado. Essa obra, que tive ensejo de examinar, é dividida em duas partes, a parte gráfica e literária. O atlas compõe-se de mapas da América, do Brasil e do Pará, e de cartas de cada um dos municípios do estado. [...] O texto dá o histórico de cada município, e uma notícia completa de todos, sob os vários pontos de vista da natureza, dos elementos econômicos, das condições em que se encontram as várias indústrias e o comércio, etc. É pena que não esteja ainda impressa tão importante obra, para que ficasse ao alcance de todos. E com isso é bem possível que nos demais estados da União tivesse imitadores. (POMBO, 1918, p. 246).

É importante ressaltar que o fato de tornar-se “amigo” de Theodoro, possibilitou o contato com uma obra que sequer fora impressa, fornecendo evidências do acesso exclusivo à produção de um autor:

Como artista, Dr. Theodoro Braga pode gabar-se de possuir legítimo talento. Vi no seu atelier uma profusão de telas, retratos, estudos, paisagens, alegorias, etc. Entre as composições, figura uma em que se destaca o padre Vieira amparando a raça americana. É um quadro de grandes proporções e de incontestável valor. Deve ter figurado com os demais na última exposição de Belém. (POMBO, 1918, p. 246).

O status e condição de viajante parecem conferir-lhe algumas situações e oportunidade que talvez, outros não desfrutassem. Tal argumento ganha ainda mais força com a continuidade do relato de Rocha Pombo, em que se tem a confirmação de que para além do jantar, conheceu o local de trabalho do “amigo,” permitindo-lhe compreender o processo de composição de suas obras.

Considerações finais

Ao acompanhar as pegadas deixadas por Rocha Pombo, afirmo que ele buscou construir uma memória de si enquanto um destemido andarilho. Após 40 anos vividos na terra natal, rumou para outro

estado, onde na capital do país, recebeu apoios, fez amigos, escreveu, lecionou. Nesse novo pouso, redefiniu os rumos da própria vida. Encantado pela palavra, aventurou-se na escrita de histórias: da América, do Brasil, do Paraná. Procurou narrar a História do Brasil para diferentes públicos, com especial atenção “às crianças e homens simples do povo”, por acreditar que esses seriam os pilares fundamentais na construção de uma nação republicana que se pretendia grande.

Em *Uma viagem sentimental*, Afrânio Peixoto afirma que “viajar é aumentar o tempo com o espaço. É viver mais. Conhecendo, comparando, julgando, variando, realizando o milagre da ubiquidade” (PEIXOTO, 1947, p. 5). Após longa jornada de convívio, concluiu que Rocha Pombo experimentou um momento excepcional em sua existência ao viajar, ampliando seu tempo/espaço na busca por novos horizontes dentro do próprio país.

No auge de seus 60 anos, muitas foram as motivações para viajar aos estados do norte, uma aspiração antiga. Para além de um projeto ou uma iniciativa individual, a viagem foi fruto de conflitos, associações, acordos, interesses, em que Rocha Pombo tentava imprimir em sua narrativa de viagem somente a lógica do sacrifício e da motivação pessoal para conhecer e escrever um Brasil maior, real, verdadeiro.

Almejava reverter a situação de dificuldade que a edição da *História do Brasil, ilustrada* causara a ele e ao editor em termos de crítica e público, buscando ampliar as fronteiras e os contatos em relação às suas recém-lançadas obras junto a Weiszflög Irmãos, e em busca, principalmente, de aceitação entre o público “popular” e, também, entre os pares, nos círculos de “homens de letras” de norte a sul do país, na luta pela consagração e legitimação no sentido amplo. A necessidade de aprofundar a pesquisa em arquivos também motivou a excursão de Rocha Pombo, no sentido de incrementar a escrita da próxima *História do Brasil*, edição comemorativa do centenário da independência. Por sua vez, a partir da correspondência prévia com os sócios dos Institutos Históricos, é possível aferir que a viagem de Rocha Pombo teve como uma das motivações, a consolidação e afirmação do projeto republicano dos Institutos Históricos nos estados visitados.

O viajante do sul conheceu outras paisagens. Superou medos e angústias. Enfrentou a saudade da família. Ampliou redes. Tornou-se conhecido. Divulgou seus livros. Recebeu convites para escrever outros. Redescobriu-se aos 60 anos, quando muitos pensavam em se aposentar. Da viagem inspirou-se para outras escritas da História: Universal, da América, do Brasil, de São Paulo, do Rio Grande do Norte. Não mais um aventureiro! Escrevia agora com a autoridade da experiência que a travessia lhe proporcionara, em tempos nos quais, saboreou arquivos, onde “felizmente não se esgota nem seus mistérios nem sua profundidade” (FARGE, 2009, p. 12). Consultou livros, ouviu as gentes e histórias pelo Brasil afora. Reuniu “provas” para a composição de seus livros, alguns dos quais repletos de imagens, documentos, mapas.

Na peregrinação por documentos, demonstrou sedução pela pesquisa e inquietante curiosidade. Nesse movimento de buscas, foi assessorado por outros pesquisadores e mediadores dos locais visitados, tendo nos Institutos Históricos dos estados o abre-alas para muitas recepções e debates sobre temas relacionados à História do Brasil. E tudo isso foi registrado por escrito em suas notas de viagem, que também podem ser pensadas enquanto uma memória. Ali o autor demarcou apenas seus feitos mais notáveis, com uma falsa modéstia bastante peculiar. Apenas trazia a público o que considerava glorioso em sua personalidade. As imperfeições certamente foram omitidas. A ênfase em mostrar que era também um pesquisador pode ter sido uma resposta às críticas de que seria apenas um compilador das ideias de outros.

Ao analisar os impactos da viagem na trajetória desse educador, foi possível elucidar os movimentos da operação escriturária e historiográfica empreendidos por ele, o que permitiu uma compreensão das próprias questões e debates do tempo

em que viveu, bem como do campo da história, que se especializava cada vez mais neste contexto, indicando, inclusive, a existência de um competitivo mercado de livros de história, para diferentes públicos, gostos e suportes.

Busquei, com isso, estudar a experiência de Rocha Pombo com o intuito de contribuir com os debates acerca da importância das viagens no âmbito da pesquisa e da investigação histórica, levando-me a interrogar, inclusive, se outros historiadores, a exemplo do paranaense, cruzaram pontes na interlocução possibilitada entre as escritas de viagem e as escritas da História. Assim, concluo que a travessia aos estados do norte do Brasil foi decisiva para a conquista da legitimação de Rocha Pombo como autor de livros de História. Se, para muitos, viajar para o exterior possibilitava o acesso às fontes e a arquivos tidos como essenciais para a escrita da História do Brasil, o deslocamento do intelectual paranaense o projetou nos onze estados visitados, estabelecendo contatos fundamentais para suas produções, com os convites para escrever as *Notas de viagem. Norte do Brasil* (POMBO, 1918), bem como a *História do estado do Rio Grande do Norte* (POMBO, 1922), o que só foi possível graças aos materiais coletados nos cinco meses de andanças pelo Brasil e aos contatos feitos. Além das pesquisas em arquivos, o próprio Rocha Pombo ressalta que as pessoas com as quais se relacionou foram fundamentais, pois por meio do exercício da escuta do outro, pôde ampliar o conhecimento sobre as coisas do Brasil, e que tais conhecimentos não poderiam ser lidos em “documentos”.

Por fim, chego a meu derradeiro destino nesta jornada. É hora da despedida. Acredito que todo ponto final representa, também, o início de uma nova travessia. Tenho no horizonte, em futuras investigações, um painel de muitas outras viagens a percorrer.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **O Nordeste e a questão regional**. São Paulo: Ática, 1993.
- BARLEY, Nigel. **El antropólogo inocente**. Barcelona: Anagrama, 1989.
- BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional**.

2001. 442 f. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.
- BLAKE, Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.
- BONFIM, Manuel. “Parecer”. In: POMBO, Rocha. **Compêndio de História da América**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900, p.VII-XXVII.
- BOTELHO, André. **Aprendizado do Brasil**. A nação em busca dos seus portadores sociais. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2002.
- CABRAL, Mario da Veiga. **Corografia do Brasil**. 31ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1957.
- CAMPOS, Névio de. **Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892–1950**. 2006. 258 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro; COSTA RICO, Antón. **Exílios e viagens: ideários de liberdade e discursos educativos**. Portugal e Espanha, séc. XVIII-XX. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e Sociedad Española de Historia de la Educación, 2011.
- LOPES, Lucineide Fábila Rodrigues. **A região Nordeste nos livros didáticos de geografia: uma análise histórica**. 63 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- LOPES, Milton. **A universidade popular: experiência educacional anarquista no Rio de Janeiro**. In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS, Daniel Aarão (Orgs). **História do anarquismo no Brasil – Volume I**. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 200-220.
- LUCCHESI, Fernanda. **A história como ideal: reflexões sobre a obra de José Francisco da Rocha Pombo**. 2004. 168 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2004.
- PEIXOTO, Júlio Afrânio. **Viagem sentimental**. Kodaks e postais. Volume XVI. Rio de Janeiro: Jackson Inc. Editores, 1947.
- PILOTO, Valfrido. O espírito vanguardista de Rocha Pombo. **Rumo Paranaense**, v. 3, p. 5-10, 1977.
- POMBO, José Francisco da Rocha. **Notas de viagem**. Norte do Brasil. Rio de Janeiro: Benjamin de Águila editor, 1918.
- _____. **História do estado do Rio Grande do Norte**. Edição comemorativa do centenário da Independência, 1822-1922. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1922.
- _____. **O Paraná no centenário. 1500-1900**. Rio de Janeiro: Typografia Leuzinger, 1900a.
- _____. **Compêndio de história da América**. Rio de Janeiro: Laemmert & Co, 1900b.
- _____. **O grande problema** (Plano de um novo Instituto de Educação). Rio de Janeiro: Cia. Typografia do Brasil, 1900c.
- SAHLINS, Marshal. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- SANTOS, Nádia Maria Weber dos. **Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/1920/1937)**. 385 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005.
- SANTOS, Ivan Norberto dos. **A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da Primeira República**. 2009. 196 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, (UFRJ), Rio de Janeiro, 2009.
- SERRES, Michel. **O terceiro instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- SILVA, Alexandra Lima da. **Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual**. 2012. 267 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, (UERJ), Rio de Janeiro, 2012.
- SILVA, Augusta Aparecida da. **Entre Deus e a Nação: trajetória de José Francisco da Rocha Pombo**. 1997, Monografia, (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

SILVEIRA, Allan Valenza da. **Estética simbolista e a filosofia de Nietzsche presentes no romance *No hospício, de Rocha Pombo***. 2005. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Viagens que educan. In: MIGNOT, Ana Chrystina; GONDRA, José (Org.). **Viagens pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 15-38.

ZEFERINO, Janier Saulo. **Às avessas e o decadentismo *No hospício de Rocha Pombo***. 2006. 47 f. Monografia (Graduação em Letras), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2006.

Recebido em 16.05.2013

Aprovado em 11.07.2013